

## Experiência e arte contemporânea

Renato Rezende

O que dizemos quando dizemos *experiência*? Qual sujeito seria o sujeito da experiência (distinguida aqui, para todos os propósitos, da experimentação científica e, portanto, controlada)? E que tipo de relação esse conceito teria com a produção de arte Ocidental no mundo contemporâneo?

De acordo com Alain Badiou, o sujeito moderno (o sujeito dividido, ou, como quer Lacan, o sujeito barrado) foi fundado por São Paulo ao instaurar um terceiro discurso (nem o grego – filosófico, nem o judaico – profético), fundamentado não no conhecimento ou na fé, mas na experiência. Segundo Badiou, o discurso fundado por Paulo – gerado por um sujeito subordinado à dimensão aleatória do acontecimento [événement] e à pura contingência do ser-múltiplo – tem sua origem, em última instância, na experiência da *graça*. Desta forma, Badiou coloca a experiência de Paulo a caminho de Damasco – a descida do Espírito Santo – como a experiência central e fundadora da civilização cristã. De algum modo referenciando-se na fundamentação originária de tal sujeito (se quisermos seguir essa linha de pensamento), em seu *A experiência interior*, Georges Bataille, decidido a não fazer concessão a nenhum saber pré-determinado, a nenhum pressuposto ou dogma, seja ele científico, estético, teológico ou de qualquer outra ordem, bem como a nenhuma interpretação a posteriori, que dariam “limites indevidos à experiência”, entende experiência de uma forma igualmente radical, como uma “viagem ao término do possível do homem”.

Esta viagem, desde sempre perigosa, para Bataille é o fruto da singular necessidade de colocar tudo em jogo, tudo em questão, de deixar-se em aberto, lançado no abismo da existência, sem pontos de referência ou apoio. João Camillo Penna, discorrendo sobre a fundamentação desse conceito no século XX, afirma que uma “experiência nomeia algo que excede à linguagem e ao conceito, algo que sobra, não pode ser contido e não tem onde caiba”. De fato, o conceito de experiência na contemporaneidade não pode ser pensado descartando as contribuições seminais de Heidegger, Benjamin, Freud e – via Nietzsche – Bataille. Para este último, aconselhado por Blanchot, é a própria experiência que deve se legitimar. Assim sendo, na esteira de Benjamin e Agamben, poderíamos nos perguntar se a experiência desaparece pura e

simplesmente; ou se ela acontece, mas sem necessidade de ser transmitida ou compartilhada?

O que se poderia de imediato notar é que Bataille, de certa maneira, acaba por inserir um divisor de águas em torno da discussão moderna acerca da experiência. Isso porque ele reabre, por um lado, toda uma possibilidade de se pensar a experiência a partir da cisão irremediável pela qual o sujeito moderno se viu passar; e note-se o quanto esse sujeito moderno é relido por Bataille através da mística medieval – ali mesmo onde um descentramento radical se operava na espiritualidade através da experiência carnal do êxtase. Cisão entre o eu e o mundo; cisão entre o inconsciente e o consciente, entre o simbólico e o real, entre o vivido e o invivível, entre o visível e o invisível. Nesse sentido, através de Bataille, passamos a ter que notar um interior retorcido, falhado, abismado, deslocado, ex-posto em relação a um si mesmo. Nesse limiar, Bataille vem inserir a experiência, tal como fizeram, cada qual singularmente, Benjamin, Freud e posteriormente Lacan, numa linhagem da perda; e de perda da própria experiência.

Situando por um momento a experiência precisamente nesse ponto de indeterminação entre o singular e o universal, entre o sensível e o inteligível, entre o prático e o teórico, entre a escrita e a imagem, entre a técnica e o acaso, entre o visível e o invisível, entre a riqueza e a pobreza, entre o ser e o evento, entre o que emerge e o que desaparece, talvez seja possível traçar uma reflexão sobre o campo das manifestações artísticas e culturais contemporâneas, principalmente nas artes visuais, explorando noções como, por exemplo, presença e presentificação (Micheal Fried – “presentation is grace”), deslocamento (Duchamp), retorno ao Real (Hal Foster) e transfiguração do lugar-comum (Danto). Por outro lado, a linha divisória à que remete *A Experiência interior* não aponta apenas para as cisões e os deslocamentos em torno da noção de sujeito. Ela aponta ainda, para um outro lado, mais próximo de nós, se o pensamos em termos de acontecimento histórico, mas ainda assim incipiente e distante, aparecendo como semblante sem rosto, como campo de possibilidades de um devir pós-humano, que finca a experiência não mais como mastro ou marco de um sujeito, mas ao contrário, como deriva, experimentação, espécie de sonambulismo ou presença a-subjetiva. Por experiências, nessa via, seria melhor (agora) dizer experimentações des-subjetivantes, que não acontecem mais tendo como matriz um sujeito dividido, mas como que sobre limiares a-subjetivos, espaços inabitáveis ou heterotópicos; espaços não mais espaciais. *Rede + Pelos*, de uma artista desconcertante como Laura Lima, mesmo

(e justamente por) carregar em seu bojo toda uma potência e inacessibilidade carnal, toda sua paradoxal coisificação do sujeito, poderia também aí se inscrever. Ou *Espaço em branco entre 4 paredes*, de Tatiana Grinberg, que, não deixando de evocar um dentro e fora, caracteriza uma mutação radical da perspectiva que, ao menos até os anos sessenta (quando despontam as experiências-limite de Hélio Oiticica e Lygia Clark), nos permitia discernir um exterior interiorizado ou o interior exteriorizado, ou mesmo o meio de passagem entre um e outro, mas que agora nos deixa desabrigados, ao mesmo tempo dentro e fora ou nem dentro e nem fora. Desabrigo que também, até certo ponto, vem encenar a experimentação de Ricardo Basbaum em *você quer participar de uma experiência artística?* Proposta lançada ao mundo, inscrição coletiva e imponderável, impossível de ser reunida sob qualquer prisma totalizador, e nem mesmo pela ideia de que um fragmento da experiência ainda remeteria ao seu todo, mesmo que seja enquanto semblante de uma totalidade perdida.

## Referências

- BADIOU, Alain. *São Paulo*. São Paulo: Boitempo, 2009. Tradução de Wanda Caldeira Brant.
- \_\_\_\_\_. *O ser e o evento*. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1996. Tradução de Maria Luiza Borges.
- BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. São Paulo: Ática, 1992. Tradução de Celso Libânio Coutinho, Magali Montagné e Antonio Ceschin.
- CAMILLO PENA, João. “A experiência moderna”. In: KIFFER, Ana, REZENDE, Renato, BIDENT, Christophe (orgs). *Experiência e arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Circuito/CAPES, 2012.